



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TEORIAS DA APRENDIZAGEM: OS PRINCIPAIS CONCEITOS E A RELAÇÃO COM O CONTEXTO ESCOLAR

Autor: Verônica Gomes Anacleto
Faculdade Santa Maria (FSM)
vganacleto@gmail.com

Co-autor (1): Maria do Socorro Duarte Pinto
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Socorrodp@hotmail.com

Co-autor (2): Jamilton Costa Pereira
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Jcp_jamiltoncosta@hotmail.com

Co-autor (3): Lucas Andrade de Moraes
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)
Lucasmorais7@gmail.com

Resumo: O processo de aprendizagem é um assunto de grande relevância nas discussões educacionais, e portanto, vêm merecendo destaque as formas e os problemas da aprendizagem dos educandos, cuja análise deve ocorrer entre os profissionais de diversas áreas a fim de refletir a ocorrência, os desafios e a solução, compreendendo esse processo e suas particularidades ao longo da história de vida dos sujeitos. Assim, o objetivo desse trabalho é relacionar os principais conceitos das teorias da aprendizagem com o contexto escolar. Como método de procedimento se utilizará o método dedutivo e o bibliográfico, por meio da qual se fará uso de discussões teoria genética e a teoria sociocultural. Partindo do pressuposto que a escola, enquanto instituição formadora deve oferecer ao aluno a possibilidade de aprender de maneira autônoma, através de tentativas pessoais, mas preservando-se o princípio da cooperação, tanto entre alunos, como entre aluno e professor, em que o ensino deve priorizar as experiências reais do sujeito, enquanto um ser inserido em um contexto social, onde o professor tem o papel de orientar para que os objetos sejam explorados pelos alunos. Em face ao exposto, pode-se dizer que considerar as abordagens e formas de ensinar são importantes tanto para o desenvolvimento como para o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Teoria da aprendizagem, conceitos, contexto escolar.

1 Introdução



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O processo de Aprendizagem tem sido muito discutido, principalmente na vida escolar, e analisado ao longo da história de vida dos sujeitos. Nesse sentido, ao se considerar diversos aspectos como as habilidades, as atitudes, os interesses, a personalidade, as relações e a maneira de viver, se pode concluir que a aprendizagem é um processo que a acompanha a vida de cada pessoa.

Nesse sentido, vêm merecendo destaque, também, as discussões e pesquisas sobre as formas e os problemas da aprendizagem entre os profissionais das diversas áreas - Educação, Saúde e Ciências Humanas – a fim de discutir o que é, como se dá, como compreender esse processo e suas particularidades.

A aprendizagem faz parte da vida humana, iniciando-se desde o nascimento, ou antes, e se estende até a morte. A criança aprende inicialmente a chamar sua mãe com o choro, depois vai se familiarizando com o mundo e com os objetos e pessoas que a cercam, depois adquire o controle motor sobre seus pés e suas mãos, depois aprende a falar e assim vai, aprendendo através de suas experiências, ao longo do seu desenvolvimento, nesse aspecto a aprendizagem é tida como um processo fundamental da vida humana.

Atribuir uma definição única para a aprendizagem é tarefa difícil já que esta pode ser analisada à luz de diferentes teorias. Entre as principais, estão a Teoria Genética (Jean Piaget) e a Teoria Sociocultural (Vigotski), que têm suas particularidades no que concerne à concepção de aprendizagem, de homem e de mundo, da sociedade e da cultura, do conhecimento, da educação, da escola, da relação professor-aluno, da metodologia de ensino e da avaliação dessa aprendizagem. A fim de compreender melhor essas diferenciações faz-se mister discutir as nuances de cada uma dessas teorias. Assim, o objetivo desse trabalho é relacionar os principais conceitos das teorias da aprendizagem com o contexto escolar.

Antecipadamente, é importante destacar que as duas abordagens supracitadas fazem parte da corrente teórica denominada de Interacionista, concepção esta que destaca que a construção do conhecimento se dá por meio da interação com o meio, ou seja, organismo e meio - ou outras pessoas - se influenciam reciprocamente, o que contribui no processo de construção do conhecimento, das características pessoais e da visão de mundo. E partindo



desse pressuposto é que se discutir as duas abordagens da aprendizagem no decorrer do trabalho.

2 Metodologia

O presente trabalho, fará uso do método dedutivo, como método de abordagem, haja vista que se partirá de uma concepção geral, nesse caso as teorias da aprendizagem, para a compreensão de questões específicas, portanto, trata-se da aplicação dessas teorias no contexto escolar. Como método de procedimento se utilizará o método bibliográfico, por meio da qual se fará uso de discussões teóricas por meio de livros, artigos e periódicos.

3 Resultados e Discussão

3.1 A abordagem genética da aprendizagem

Nesse ponto, como precursor e principal representante desta teoria está o Biólogo e Filósofo Jean Piaget (1896-1980), que se empenhou em investigar como se forma o conhecimento, ou seja, a gênese e a evolução do conhecimento. Para tanto, partiu da concepção de que o desenvolvimento envolve um processo contínuo de trocas entre o meio ambiente e o organismo, sendo que, para este autor, todo organismo vivo mantém um estado de equilíbrio com o meio no qual está inserido, buscando agir de modo a superar as perturbações na sua relação com o meio. A esse processo ele chamou de *equilíbrio* (DAVIS & OLIVEIRA, 1994). Em síntese, pode-se dizer que esse é um processo ativo através do qual o organismo organiza as perturbações que aparecem em seu caminho, através do qual ele acaba modificando suas estruturas do pensamento também.

Dois processos atuam para que o organismo atinja esse estado de equilíbrio, são eles: a *assimilação* e a *acomodação*. A assimilação é o processo através do qual a pessoa atribui significado à realidade de acordo com os esquemas correspondentes, podendo esses



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

esquemas ser entendidos como as estruturas mentais que auxiliam os indivíduos a se adaptarem e se organizarem em seu ambiente (SALVADOR et al, 2000). Já a acomodação envolve a modificação do indivíduo para se ajustar às demandas de seu meio (DAVIS & OLIVEIRA, 1994).

Nesse sentido, Piaget definiu o desenvolvimento como um processo de equilibrações sucessivas e que, apesar de ser contínuo, caracteriza-se por diversas fases, onde as estruturas cognitivas são definidas (DAVIS & OLIVEIRA, 1994). Essas fases têm uma ordem de sucessão constante e se inter-relacionam até que se atinjam estados de maior estabilidade e mobilidade (MIZUKAMI, 1986). Assim, a aprendizagem estaria subordinada ao desenvolvimento, que se dá nas fases que estão descritas a seguir (SALVADOR et al, 2000).

3.1.1 Sensório-motor

Essa fase vai desde o nascimento até, aproximadamente, os dois anos de vida. Como o próprio nome indica, a criança se baseia exclusivamente nas percepções sensoriais e nos esquemas motores para a resolução de seus problemas, que são essencialmente de ordem prática. Esses esquemas se aplicam também em sua relação com outros seres humanos. Esses esquemas se dão a partir de reflexos inatos que a criança vai usando para lidar com o seu meio e ir, gradativamente, se modificando com a experiência (DAVIS & OLIVEIRA, 1994).

Quanto à inteligência, esta se caracteriza por ser prática e, aos poucos a criança vai conseguindo resolver problemas práticos cada vez mais complexos já que seus esquemas vão evoluindo, o que permite que seu mundo vá se organizando em diversos aspectos – espacialmente, temporalmente e causalmente (SALVADOR et al, 2000). É também ao longo dessa etapa que a criança elaborará sua organização psicológica básica, tanto no aspecto motor, como no afetivo, perceptivo, social e intelectual (DAVIS & OLIVEIRA, 1994).

3.1.2 Pré-operatório



Essa etapa se inicia por volta dos dois anos de idade e se estende, em média, até os seis ou sete anos. É marcada pelo aparecimento da linguagem oral e o seu pensamento indica uma capacidade de realizar ações interiorizadas, ações mentais. O que mais se destaca nessa fase é o fato de que o pensamento da criança de suas próprias experiências, sendo esse pensamento centrado nela mesmo, ou seja, é um pensamento *egocêntrico*. Além disso, seu pensamento é extremamente dependente de suas percepções imediatas (DAVIS & OLIVEIRA, 1994). Ou, como destaca Salvador et al (2000), esse pensamento baseado na percepção pode ser entendido como um pensamento intuitivo.

3.1.3 Operacional concreto

Por volta dos sete anos de vida ocorrem grandes modificações, o pensamento se torna lógico, objetivo e preponderante, se tornando menos egocêntrico. As ações interiorizadas da criança se tornarão mais flexíveis e reversíveis. Aliás, o fato do pensamento ser reversível é o que mais caracteriza essa fase, já que ela entende que é possível retornar, mentalmente, ao ponto de partida; além disso, passa a se basear mais no raciocínio do que na percepção (DAVIS & OLIVEIRA, 1994).

Esse estágio é chamado de concreto porque nele, as crianças utilizam de materiais concretos e observáveis para basear seu pensamento (DAVIS & OLIVEIRA, 1994). As operações, ainda permitem que a criança consiga organizar sua realidade de forma estável, elaborando a ideia de conservação (SALVADOR et al, 2000).

3.1.4 Operatório formal

Em média aos 12 anos de idade a criança se torna capaz de pensar em todas as combinações possíveis de um fenômeno e de raciocinar através de hipóteses, ou seja, seu pensamento torna-se hipotético-dedutivo e sua inteligência torna-se formal (SALVADOR et al, 2000).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Esse é o grau mais complexo do desenvolvimento cognitivo, que ocorre durante a adolescência e agora se estende à vida adulta, aonde seu pensamento vai apenas se solidificar e se ajustar às suas estruturas cognitivas (DAVIS & OLIVEIRA, 1994).

Essa discriminação em etapas denota que, para Piaget, o desenvolvimento se dá de dentro para fora, estando os fatores internos e o meio em constante troca. O fato de estar dividido em fases é o aspecto mais conhecido da corrente Piagetiana, no entanto é importante considerar outros aspectos da teoria Genética (ou Cognitivista) que dizem respeito à concepção do sujeito no mundo, em sociedade e no contexto escolar. Para tanto, considerar-se-á a caracterização feita por Mizukami (1986).

A referida autora destaque que o homem e o mundo, para esta abordagem são analisados conjuntamente, já que o conhecimento seria resultante da interação entre eles, entre sujeito e objeto, que se dá em um processo de constituição contínua, sendo que, a aquisição de diversos conhecimentos, a aprendizagem, se dá de diferentes formas, já que existem múltiplos determinantes do desenvolvimento humano. Em face a esses aspectos, o processo Educacional tem um papel fundamental, já que, ao propor desafios e situações desequilibradoras para o aluno possibilita a construção progressiva de noção e operações que as superem (Mizukami, 1986). Ou seja, o aluno aprenderia superando situações difíceis, num processo de equilíbrio e desequilíbrio, através da assimilação e acomodação dos conteúdos.

Pode-se considerar então, o conceito de educação abordado pela autora, como “condição formadora necessária ao desenvolvimento natural do ser humano. Este, por sua vez, não iria adquirir suas estruturas mentais mais essenciais sem a intervenção exterior.” (MIZUKAMI, 1986, p. 71). Ou seja, através da intervenção do meio, da socialização, cooperação, colaboração e trocas para que o aluno possa assegurar a aquisição de um instrumental lógico e racional.

A escola, enquanto instituição formadora deveria oferecer ao aluno a possibilidade de aprender de maneira autônoma, através de tentativas pessoais, mas preservando-se o princípio da cooperação, tanto entre alunos, como entre aluno e professor. Segundo Piaget, a escola deveria começar ensinando o aluno a observar e a relacionar o conteúdo com as experiências reais, assim o ensino deve priorizar as experiências reais do sujeito, enquanto um ser inserido

em um contexto social, onde o professor tem o papel de orientar para que os objetos sejam explorados pelos alunos. Por sua vez, o aluno deve ser tratado de acordo com a fase evolutiva em que se encontra, bem como as atividades pedagógicas planejadas devem levar a fase evolutiva em consideração. A avaliação não deve priorizar as tradicionais provas, mas a assimilação e aplicação real do que foi aprendido; as atividades em grupo são valorizadas por esta abordagem (Mizukami, 1986).

3.2 A abordagem sócio-cultural da aprendizagem

A outra abordagem que faz parte da corrente Interacionista é Sócio-cultural, proposta pelo russo Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934) que tem uma perspectiva de desenvolvimento baseada na concepção de um organismo ativo, com o pensamento construído gradativamente num meio social e histórico (DAVIS & OLIVEIRA, 1994). E são através desse meio social e cultural que os processos psicológicos são mediadores da atividade humana, essa mediação é feita através de instrumentos e sistemas simbólicos, dos mais simples aos mais complexos. O mais enfatizado desses sistemas simbólicos mediadores é a linguagem (SALVADOR et al, 2000).

Davis e Oliveira (1994) já descreveram também a importância que a fala tem na abordagem Vygotskiana, destacando principalmente a importância dessas para o pensamento, visto que a linguagem possibilita a sistematização da experiência direta da criança ajuda a orientar o seu comportamento. Ao longo do desenvolvimento essa relação entre a fala e o pensamento vai se modificando, mas sempre estão interligadas.

Outro ponto relevante da teoria Sociocultural de Vigotski é que, diferentemente de Piaget, ele não diferencia o desenvolvimento em fases e estágios cognitivos. Nessa abordagem os fatores inatos têm uma preponderância maior apenas no início da vida e que as interações humanas que se estabelecem ao longo da vida é que oferecerão condições para o desenvolvimento da criança (DAVIS & OLIVEIRA, 1994). Como foi referenciado, para



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Piaget o desenvolvimento ocorre de fora para dentro; já para Vigotski, é possível afirmar que o desenvolvimento se dá de fora para dentro.

No que concerne à aprendizagem, para Vigotski, esse processo distingue do desenvolvimento, são fenômenos interdependentes, mas que um torna o outro possível (DAVIS & OLIVEIRA, 1994). Salvador *et al* (2000) corrobora com essa premissa ao afirmar que o desenvolvimento e a aprendizagem mantêm uma relação profunda e que o esquema Vigotskiano atribui grande importância às práticas educativas para o desenvolvimento humano e para possibilitar a aprendizagem, podendo estas ser entendidas como “[...] situações de interação em que os membros mais competentes do grupo social e cultural ajudam outros membros do grupo a usar convenientemente esses sistemas de signos em relação a tarefas diversas em contextos diversos” (p. 260).

A relação de ajuda estabelecida com os Outros, com membros mais competentes para que o sujeito possa se desenvolver é um dos pontos mais importantes da abordagem Sociocultural, além do fato da concepção de homem enquanto um ser ativo, social e histórico. E se é histórico é também cultural, visto que enquanto histórico está permeado pelas relações e sistemas simbólicos de uma dada época e organização social. O fato do desenvolvimento e da aprendizagem estarem ligados à relação com o outro, definiu o conceito mais conhecido e difundido da obra de Vigotski, a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), pode ser definida como

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKI, 1988, p. 112).

Em síntese, pode-se dizer que a ZDP diz respeito aquilo que o sujeito pode vir a aprender e realizar se tiver orientação e colaboração de crianças ou adultos mais capazes. Esse conceito explica e orienta os processos de aprendizagem e de desenvolvimento da teoria sociocultural, assim como deve orientar o ensino também, assim, o que era nível de



desenvolvimento proximal se tornará nível de desenvolvimento real e a criança poderá realizar o que aprendeu sozinha.

Quando se fala em ensino na abordagem sociocultural, outro pensador contribuiu para entender esse aspecto é o Pernambucano Paulo Freire, preocupado com a cultura popular tornou-se um grande e reconhecido educador. Assim como Vigotski, Freire reconhece a importância de se reconhecer o sujeito como elaborador e criador do conhecimento, ou seja, o homem ao assumir uma postura ativa – e consciente de sua historicidade – torna-se sujeito de sua educação (MIZUKAMI, 1986).

A escola, nessa perspectiva, assume um caráter amplo, devendo ser um local que possibilite o crescimento mútuo, do professor e dos alunos; deve ser uma instituição que se faça dentro de um contexto histórico, que possibilite o estabelecimento do ensino-aprendizagem que torne os alunos capazes de desenvolver uma consciência crítica e libertadora, onde professor seja engajado com uma prática transformadora e que se preocupe com cada aluno em si, muito mais com o processo de aprendizagem do que com seus produtos (MIZUKAMI, 1996).

4 Conclusões

Como foram percorridas, as duas abordagens referenciadas neste trabalho fazem parte da corrente Interacionista, no entanto, em muito elas se diferem no que se refere ao desenvolvimento, à aprendizagem, ao ensino, à escola e à metodologia de ensino. Considerar esses aspectos é importante para se pensar o processo de ensino de modo a superar dificuldades que podem surgir no curso da Aprendizagem. Apesar dos avanços nas diversas áreas do conhecimento e nas metodologias pedagógicas, algumas dificuldades na aprendizagem têm sido uma constante na vida escolar dos alunos. Entre esses, a dificuldade na leitura ainda tem merecido grande atenção.

Para os autores Zucoloto & Sisto (2002) as dificuldades da aprendizagem estão relacionadas a obstáculos na captação, assimilação ou internalização dos conteúdos propostos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

e podem ser permanentes ou passageiras e pode variar em grau de intensidade. Entre os aspectos avaliados da aprendizagem está a leitura, um sistema simbólico que está diretamente relacionado com a linguagem.

A leitura pode ser entendida como o reconhecimento das palavras e, mais do que isso, a atribuição de significado à palavra lida, ou seja, é a atribuição de significado ao significante. Assim, a dificuldade na leitura denota uma falha no reconhecimento ou na compreensão do material escrito e vários podem ser os fatores que levam a essa dificuldade, os sociais, culturais, econômicos, cognitivos, emocionais, institucionais ou orgânicos.

Em face ao exposto, pode-se dizer que considerar as abordagens e formas de ensinar, de considerar o sujeito, o mundo, a sociedade, a escola, a educação, a escola, o professor, o aluno, a metodologia de ensino e as formas de avaliação, são importantes tanto para o desenvolvimento como para o processo ensino-aprendizagem. Devendo buscar formas de superação dos modelos e das dificuldades de aprendizagem, como no nosso caso, a leitura. Falou-se aqui, por exemplo, na importância de se considerar o contexto do aluno ao transmitir o conteúdo, da interação com outros colaboradores bem como de dar uma atenção a cada aluno no sentido de considerá-lo em si, preocupando-se mais com o processo de aprendizagem do que com os seus produtos padronizados.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Aprendizagem**. 38ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

DAVIS, C & OLIVEIRA, Z. M. R. **Psicologia na educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

SALVADOR, C. C. [et al.]. **Psicologia do Ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZUCOLOTO, K. A. & SISTO, F. F. Dificuldades de aprendizagem em escrita e compreensão em leitura. **Interação em Psicologia**. vol. 6. num. 2, 2002.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO